

# adivinhe do que eles estão reclamando





# adivinhe do que eles estão reclamando

TEXTO E ILUSTRAÇÕES DE  
LILIANA E MICHELE IACocca



# dos impostos

Era assim na Idade da Pedra Lascada.



\* TRADUÇÃO: \*

Foi assim no Egito.



\* OUTRO PALAVRÃO.

Na Grécia Antiga.



\* OUTRO AINDA.

Em Roma.



\* ESTE VOCÊ ENTENDEU.

# os, é claro !!!

Na Idade Média.

O IMPOSTO PARA A COROA, UMA PARTE DA COLHEITA PARA O SENHOR E O DÍZIMO PARA A IGREJA.

ATÉ DEUS ESTÁ COBRANDO IMPOSTOS AGORA?



Na época da colonização americana.

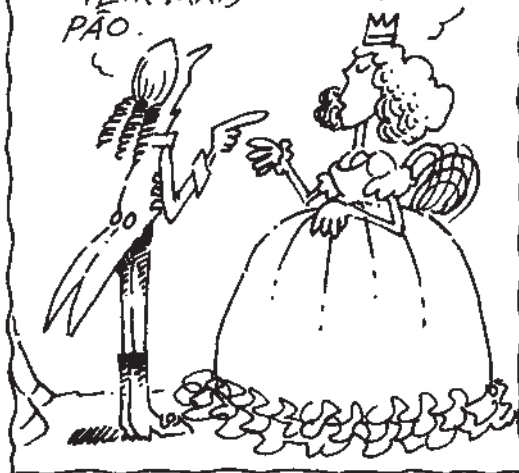
ABAIXO O IMPOSTO SOBRE O CHÁ. VIVA A INDEPENDÊNCIA!



Na França.

MAJESTADE, DE TANTO PAGAR IMPOSTOS O POVO NÃO TEM MAIS PÃO.

ENTÃO POR QUE NÃO COME BOLACHA?



Na esquina.

ESTÃO SUGANDO O SANGUE DA GENTE.

SÃO TANTOS IMPOSTOS QUE EU NEM SEI MAIS O QUE ESTOU PAGANDO.

ASSIM NÃO DA.





— Juro que eu nunca tinha pensado nisso. Como será esse negócio dos impostos?  
Ivan ficou encucado com o papo de Elisa e, chegando em casa, foi logo perguntando para o pai:  
— Pai, você também paga impostos?  
O pai, passando a mão na cabeça, respondeu sorrindo:  
— Claro que sim e esta careca é a prova. A cada imposto que pago, perco alguns fios de cabelo e quando vejo os descontos no meu salário, perco mais ainda.  
— Então, vai chegar o dia em que eu vou ter de pagar também?  
— Pode ter certeza disso.  
Ivan já se imaginou sem topete.  
— Só para dar uma idéia, pago imposto pela casa, pelo carro e até pela bermuda que outro dia comprei para você.  
— Imposto de bermuda?  
— Claro, tem imposto sobre tudo o que a gente compra. Calça, camiseta, meia, cueca e assim por diante.  
— Quer dizer que eu estou vestido de impostos?  
— Não é bem assim, mas é mais ou menos isso, respondeu o pai brincando.  
— É igual em todo lugar do mundo?  
— Não totalmente igual, há algumas variações. Só que um país bem administrado usa o dinheiro dos impostos para melhorar as condições de vida da população.  
Ivan continuou encucado.



Naquele mesmo dia, Ivan foi buscar o tênis que tinha encomendado à tia Claudia, dona de uma loja de sapatos.

— Está aqui seu par de tênis, a tia falou.

— É este mesmo que eu queria, vou experimentar. E, enquanto experimentava, perguntou:

— É verdade, tia, que eu estou pagando imposto sobre o meu tênis?

— Interessante, é a primeira vez que alguém me pergunta isso.

— É que andei batendo papo com a Elisa e com meu pai.

— Bem, Ivan, é mais ou menos assim: quem compra paga e quem vende deve recolher para o governo. Sabe, nós do comércio somos obrigados a emitir nota fiscal, porque é através dela que o governo arrecada o tal de ICMS, ou melhor, o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços. É essa a nossa maneira de pagar impostos. O imposto que o consumidor paga já vem no preço da mercadoria.

— E você emite nota fiscal?

— Veja, Ivan, o bloquinho está aqui em cima do balcão e sempre esteve. Desde que abri esta porta, emito nota fiscal, aguento crise atrás de crise e fico tiririca. Faz anos que fico tiririca.

— O que é ficar tiririca?

— É ficar com raiva, irritação, muita irritação. E sabe por quê? Porque não sei onde colocam nosso dinheiro, onde estão as benfeitorias. Nas escolas mal cuidadas? Nas estradas esburacadas? No péssimo estado dos hospitais? A gente sai para a rua e só vê miséria.

"Para onde será que vai o imposto que é arrecadado sobre o meu tênis?", pensou Ivan.





Naquela noite o primo Marcelo, estudante de economia, apareceu na casa de Ivan. E assistindo ao noticiário, conversa vai, conversa vem, comentário pra cá, comentário pra lá, Marcelo falou:

— Nossa, os impostos vão aumentar de novo!

Ivan emendou:

— E a careca do meu pai, também.

Todos deram risada.

— Sabe, Marcelo, andei conversando sobre esse negócio de impostos e me pareceu complicado.

— O que é que você quer saber, Ivan?

— Nem sei direito. Primeiro era sobre pagar impostos, daí descobri que o dinheiro dos impostos, que são muitos, vai para o governo. Depois fiquei sabendo que o governo deveria usar esse dinheiro para melhorar as condições de vida da população, mas soube também que pelo jeito nem sempre ele faz isso, e as pessoas reclamam, reclamam muito.

— Perfeito, Ivan, é assim mesmo. A grana é muita...

— Mais do que a bolada da loteria?

— Trilhões de vezes mais. E a melhor maneira de entender um assunto desses é no dia-a-dia, interessando-se, perguntando, senão fica chato. É na prática que a gente aprende e descobre como fazer as coisas certas.

— E qual é a coisa certa?

— A coisa certa é pagar os impostos, caso contrário o país não se sustenta, desmorona na nossa cabeça. Mas quem paga tem o direito de controlar, reclamar, exigir: escolas, hospitais, estradas, segurança, investimentos na agricultura e na ciência, nos esportes e no lazer, tudo do bom e do melhor. Quem é que não gostaria disso?

“Quem é que não gostaria disso?”, pensou Ivan.







— Você anda pensativo, Ivan? Por acaso está apaixonado?, o pai perguntou.

Ivan não respondeu.

— Olha, olha que sei o que estou falando.

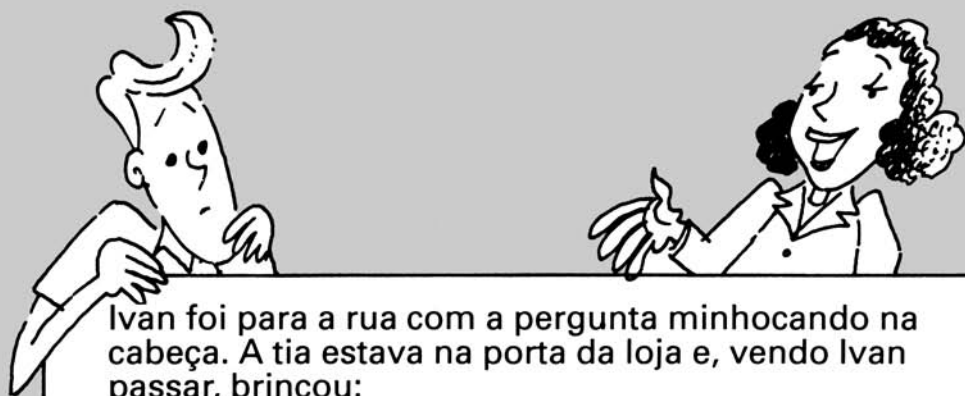
— Imagine, nada disso! É que sou assim mesmo, meio cismado, e quando não entendo muito bem uma coisa, ela fica dando um nó na minha cabeça.

— E o que está dando um nó na sua cabeça?

— Aquele papo de outro dia, o dos impostos, lembra? Fiquei imaginando alguma solução. Será que se todos pagassem os impostos certinho, tudo funcionaria melhor?

— É um nó mesmo!, disse o pai, pensativo. É lógico que tudo poderia funcionar melhor se sumisse o sonegador, aquele que tem de pagar impostos e não paga. Mas, agora, sou eu que pergunto: será que também os governos, municipal, estadual e federal, que arrecadam os impostos, não poderiam administrar melhor o dinheiro público? Será que eles aplicam bem esse dinheiro?





Ivan foi para a rua com a pergunta minhocando na cabeça. A tia estava na porta da loja e, vendo Ivan passar, brincou:

— Que bom, enfim um freguês!

— Outro par de tênis só no ano que vem. Mas, não querendo ser chato, explique uma coisa: se você sabe que, às vezes, os governos não aplicam do jeito certo o dinheiro dos impostos, por que você emite nota fiscal?

— Olha, Ivan, não levo jeito para ser desonesta e detesto fiscalização. Por isso prefiro as coisas certas. Veja o meu vizinho, se o freguês não pede, ele disfarça e não emite a nota, e é lógico que, no fim do mês, o cofrinho dele está mais cheio do que o meu.

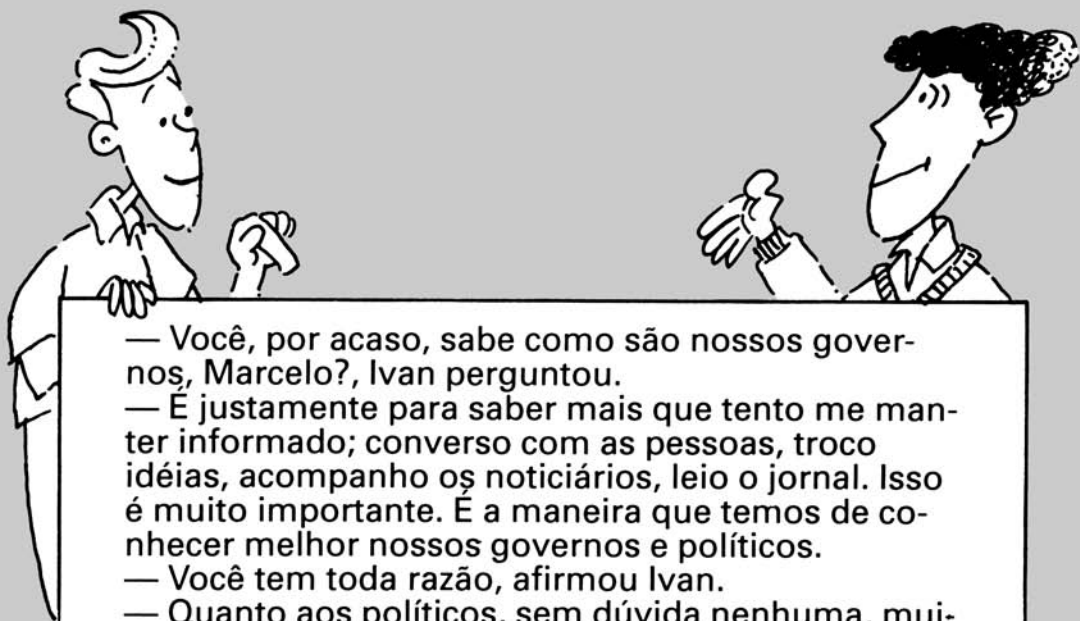
— Ele prefere o dinheiro no bolso dele!, comentou Ivan.

— Mas, continuando, quanto aos governos, fala Ivan, o que na sua opinião é um governo?

— É o presidente, os governadores, os deputados, os prefeitos, enfim, todos os políticos.

— Isso mesmo, todos os políticos!, respondeu a tia, entusiasmada. E também todo o conjunto de instituições e leis que eles devem respeitar e cumprir para poder governar a sociedade.





— Você, por acaso, sabe como são nossos governos, Marcelo?, Ivan perguntou.

— É justamente para saber mais que tento me manter informado; converso com as pessoas, troco idéias, acompanho os noticiários, leio o jornal. Isso é muito importante. É a maneira que temos de conhecer melhor nossos governos e políticos.

— Você tem toda razão, afirmou Ivan.

— Quanto aos políticos, sem dúvida nenhuma, muitos são bem intencionados e se preocupam com o país, continuou Marcelo. Mas, infelizmente, outros não cumprem com o seu dever. Usam o poder para o próprio bem, sem se preocupar com as necessidades básicas da população: saúde, educação, moradia, trabalho, segurança. Falando nisso, conta para mim, Ivan, como é que os políticos chegam a ser políticos, quem os escolheu?

Ivan olhou surpreendido para o primo e, coçando a cabeça, respondeu:

— As pessoas, isto é, a população, ou melhor, os eleitores.

— Está vendo como a coisa toda não é tão simples. Quem elege um candidato com o voto está mexendo com tudo, com todo o funcionamento do país.

— Por que será que tem gente que elege candidatos que não se importam com o bem comum?

— Vai saber... Por falta de informação, de discussão, de investigação. Cada um, quando vota, deveria ser um pouco detetive.

"É emocionante ser detetive", pensou Ivan.





"Essa chata ainda me paga!", pensava Ivan no caminho da escola. "Quem ela pensa que é?"  
Naquele dia, Marina, a professora, começou a aula de um jeito diferente:

— Posso fazer uma perguntinha? Vocês são filhos da mãe e do pai de vocês, não são?

"É lógico que sim!", todos pensaram e caíram na risada.

— São também moradores da casa em que moram?

Mais risadas.

— Então, são filhos, moradores e também passageiros quando estão no ônibus, ciclistas quando dirigem a bicicleta, pedestres quando andam a pé, telespectadores quando assistem à televisão, estudantes quando freqüentam um curso, alunos quando estão na escola.

A gargalhada foi geral.

— Mas, o que será que vocês são em relação ao país em que vivem?

Cada um quis dar sua resposta:

— Brasileiro! Povo! Criança! Jovem! Pessoa! Gente! Habitante!

— É lógico que vocês são tudo isso, mas também cada um é um cidadão.



Até a Marina achou incrível como o assunto entusiasmou a turma.

Teve aluno que quis contar fatos do seu dia-a-dia, outros pesquisaram a questão dos impostos, fizeram levantamento dos principais: IPTU, IPVA, IR, ISS, ICMS. E também os alunos que decidiram fazer listas e mais listas das reclamações que tinham. Quantas reclamações!

Os que gostavam de uma farrinha resolveram montar uma peça de teatro. Imaginem os personagens, apareceu até imposto fantasma!

Outros escreveram histórias: sérias, divertidas, sem pé nem cabeça. Quem leu nunca mais se esqueceu delas.

Outros ainda fizeram cartazes, só vindo para acreditar. Figuras e frases, umas mais louquinhas do que as outras.

— Acho que a gente ficou se conhecendo mais e se entendendo melhor, disse uma garota sardenta.

— É, ficamos mais amigos, comentou um menino cabeludo. Aulas assim são divertidas.

“Não vejo a hora de encontrar a Elisa. Agora ela vai ver quem é o Ivan.”





— O que será um cidadão?

Como todos já tinham dado muita risada, a discussão correu solta. Marina deixou a classe falar à vontade.

— Cidadão é quem respeita semáforo vermelho e não joga lixo na rua!

— É quem trabalha, vota, preocupa-se com o próprio país!

— É quem respeita as leis!

— É quem gosta de ser do jeito que é!

E uns após os outros foram dando opiniões:

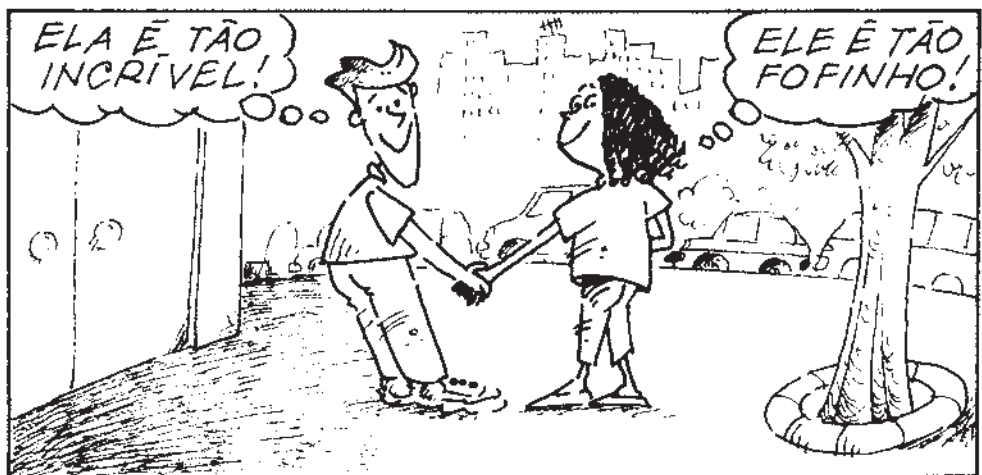
— É quem não destrói a natureza! É quem não quer ver crianças na rua! É quem fala a verdade! É quem não quer ver gente passando fome! É quem não é racista!

"Esse assunto está mesmo me perseguindo", pensou Ivan, aproveitando para contar o que sabia:

— Cidadão é quem paga seus impostos, como meu pai que ficou careca de tanto pagá-los, escolhe bem seus candidatos, apóia governos honestos, e fica tiririca como minha tia quando descobre que o dinheiro dos impostos não está sendo usado em benfeitorias. É quem sabe o que é cidadania, o direito que todo cidadão tem de reclamar, controlar, exigir melhores condições de vida para todo mundo.

"Vou repetir tudo isso para a Elisa, quero ver a cara dela!"







---

## LILIANA E MICHELE IACOCCA

Liliana e Michele Iacocca são autores de mais de trinta livros para crianças e jovens. Desenvolvem um trabalho onde texto e ilustração se complementam de forma lúdica e divertida, sempre estimulando novas buscas para o leitor. Preocupados também com os caminhos da sociedade atual, criaram vários livros de sucesso como *Entre Neste Livro – a Constituição para crianças –* e *Caça ao Tesouro – uma viagem ecológica* (Editora Ática).

O último lançamento do casal é *O Que Fazer? – falando de convivência* (Editora Ática), uma provocação criativa e bem-humorada, que faz refletir e discutir, sobre a vida do homem em sociedade.

editoração, impressão e acabamento

**imprensaoficial**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO





[www.educacaofiscal.sp.gov.br](http://www.educacaofiscal.sp.gov.br)



**GefeSP**

GRUPO DE EDUCAÇÃO  
FISCAL ESTADUAL



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**SECRETARIA DA FAZENDA**

